



Brinquedos, da Associação Monte Azul

# Feito a muitas mãos

**Lojas aderem ao comércio com inclusão social e vendem produtos de comunidades carentes**

POR CLAUDIA GARCIA

A distância de 3.000 km não impede que as artesãs de Ilha Grande de Santa Isabel, no município de Parnaíba (PI), façam negócio com os paulistanos, mediado pela Associação de Artesãos em Trançados, composta em sua maioria por mulheres.

Até 1999, essas mulheres trabalhavam isoladamente e vendiam seus produtos em casa ou nos mercados e feiras da região. Associadas, vendem hoje para seis Estados e exportam para Itália e Portugal. São pratos, cestos e fruteiras, entre 30

tipos de peças.

Organizadas em associações, comunidades de todo o país passaram a ter uma forma alternativa de geração de renda, no artesanato, na reciclagem ou em peças de decoração. São Paulo vê crescer a rede de lojas do chamado comércio solidário que vendem produtos do Piauí, da Amazônia, de Minas Gerais. Mais de 50 estabelecimentos negociam com comunidades carentes, alguns até trabalham exclusivamente com esses fornecedores.

É possível encontrar de ímãs de geladeira a objetos de design, artigos para casa, móveis, moda, brinquedos ou presentes. Os preços também variam de R\$ 4 (brincos da Parnaíba) a R\$ 5.500 (escultura de ametista produzida na Bahia).

Parte desse comércio, além do peso da inclusão social, agrega valores culturais e históricos, como o Projeto de Cerâmica Artesanal, também de comunidades do Piauí, que imprime em utensílios de cozinha desenhos inspirados nas pin-



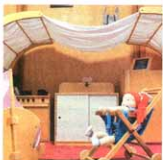
Macã de fibra trançada de coqueiro, de Pitimbu (PB)



Jogo americano de palitos japoneses da Mundaréu



Fuxico das mulheres de Americanópolis (zona sul)



Casa de boneca feita por moradores de Campo Limpo

turas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara, onde se concentram cerca de 450 sítios arqueológicos, com registros de 50 mil anos atrás.

Em São Paulo, esses produtos são vendidos na rede Tok&Stok, assim como a cestaria feita da mesma maneira há mais de 2.000 anos pelos índios baniua, que vivem na região do alto rio Negro, no Amazonas, divisa com a Colômbia. São vasos, cestos, caixas e bolsas de palha, entre outros.

Há estabelecimentos que fizeram do comércio solidário sua especialidade. Na loja Projeto Terra, cerca de 70% dos 170 fornecedores são comunidades e associações de baixa renda espalhadas pelo Brasil. Ricardo Pedroso, 44, um dos sócios, diz que cada um dos 2.200 itens vem com uma etiqueta, explicando onde, por quem e como foi feito. "As pessoas fazem questão dessa etiqueta porque cada peça tem uma história, o que agrega valor à compra."

A Associação Mundaréu, outra especializada, mantém uma loja na Vila Madalena. Além de comercializar produtos de 50 entidades, administra projetos de capacitação, como o dos jovens do Centro Educacional Comunitário Tabor, no Jardim São Gonçalo (zona leste). Dessa oficina de artesanato saem artigos de marchetaria (técnica de entalhar ou incrustar madeiras diferentes em um mesmo objeto) e marcenaria.

"Selecionamos os projetos que serão apoiados levando em conta a forma como a comunidade trabalha a matéria-prima: se respeita o meio ambiente, se não existe exploração do trabalho e se remunera de forma adequada os artesãos", ex-



Objeto de decoração da Projeto Terra

plica Lizete Prata, 52, presidente da Mundaréu.

A Central ArteSol funciona como uma distribuidora de artesanato brasileiro no atacado em São Paulo. A partir de 27 de novembro, vai montar pela primeira vez um bazar de varejo. Serão quatro finais de semana seguidos, visando as semanas de Natal. Pode-se encontrar esteiras de fibra e caixas trançadas vindas de Itaobim (MG); pratos decorativos de palha, de Parnaíba (PI); frutas e flores decorativas de palha, de Pitimbu (PB), ou bonecas de pano, de Esperança (PB).

Algumas associações têm lojas próprias, como a Monte Azul, cujas oficinas de marcenaria empregam moradores da favela localizada no Campo Limpo (zona sul de São Paulo). Eles produzem bonecas, brin-

quedos educativos, móveis e papéis reciclados. Em Americanópolis (também zona sul), a Aldeia do Futuro desenvolve atividades com mulheres de baixa renda, produzindo, entre outras peças, artesanato de fuxico e amarradinho.

Até os supermercados aderiram. A rede Pão de Açúcar oferece mais de 250 tipos de produtos oriundos de 16 Estados. O Carrefour acaba de montar quiosques, onde serão comercializados, entre outros, produtos de empreendimentos solidários da periferia paulistana assessorados pelos programas São Paulo Inclui e Oportunidade Solidária, da Secretaria Municipal do Trabalho.

Roteiro de serviços a seguir

